

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UVA
CENTRO DE FILOSOFIA LETRAS E EDUCAÇÃO – CENFLE
CURSO DE LETRAS

CÉSAR HENRIQUE VAZ ÂNGELO

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE EMMA EM *MADAME BOVARY*, DE
GUSTAVE FLAUBERT**

SOBRAL-2015

CÉSAR HENRIQUE VAZ ÂNGELO

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE EMMA EM *MADAME BOVARY*, DE GUSTAVE
FLAUBERT**

Artigo apresentado ao curso de Letras da
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA
como requisito parcial para a obtenção do título de
graduado em Letras com Licenciatura em Língua
Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Me. Ângelo Bruno Lucas
de Oliveira.

SOBRAL-2015

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE EMMA EM *MADAME BOVARY*, DE GUSTAVE FLAUBERT

Artigo apresentado à Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Letras com Licenciatura Plena em Língua Portuguesa e suas respectivas Literaturas.

César Henrique Vaz Ângelo

Artigo Científico aprovado em: ___/___/___

Orientador: _____
Prof. Me. Ângelo Bruno Lucas de Oliveira (UVA)

1º Examinador: _____
Profa. Me. Maria Elisalene Alves dos Santos (UVA)

2º Examinador: _____
Profa. Me. Maria Edinete Tomás (UVA)

Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês:

Profa: Candice Helen Glenday, Msc.

Dedico este trabalho
aos meus pais pelo total
apoio e incentivo;

Aos meus amigos
pelo estímulo que me deram
quando estive prestes a
desistir;

Ao meu orientador,
Ângelo Bruno Oliveira, pela
paciência e por mostrar o
caminho certo a seguir.

“O único modo de suportar a existência é precipitar-se na literatura como em uma orgia perpétua.”

(Gustave Flaubert)

AGRADECIMENTOS

A Deus por me mostrar que sempre há uma solução mesmo quando tudo parece perdido.

À minha família pelo total apoio desde o começo de tudo em 2010. Meu pai, Francisco Ângelo Filho, e minha mãe, Maria dos Santos Vaz.

A meus amigos e colegas da turma 2010.2 pela força e companhia durante esses cinco anos de caminhada.

A meus professores que me fizeram descobrir esse bem tão precioso que é a literatura. Em especial a Léo Makellene, Ângelo Bruno Oliveira, Elisalene Alves, Liciany Rodrigues, Vicente Junior, Domênico Sávio.

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE EMMA EM *MADAME BOVARY*, DE GUSTAVE FLAUBERT

Autor: ÂNGELO, César Henrique Vaz¹

Orientador: OLIVEIRA, Ângelo Bruno Lucas de²

RESUMO: Este artigo busca maior compreensão a respeito do conceito de personagem na literatura. Para isso, analisamos a personagem Emma do romance **Madame Bovary** do escritor Gustave Flaubert. Tratamos, inicialmente, da importância da personagem em qualquer narrativa e os modos de se construir uma personagem de forma que convença o leitor. Em seguida, focamos na heroína de Flaubert, seu sentimento de insuficiência de vida, aventuras amorosas e final trágico. Como apoio teórico para este artigo foram utilizados diversos autores, entre eles: Mario Vargas Llosa (1979), Beth Brait (1985) e Maria Rita Kehl (1996). Este estudo possibilita-nos maior entendimento sobre a personagem na literatura moderna e também maior conhecimento da personagem Emma do célebre romance de Flaubert.

Palavras - chave: **Madame Bovary**. Gustave Flaubert. Emma Bovary. Personagem.

1 INTRODUÇÃO

Entre grandes obras literárias, **Madame Bovary** se destaca como excelente fonte de pesquisa e aprendizado sobre a literatura do século XIX. A heroína e mais complexa de seus personagens, Emma Bovary, desperta grande interesse nos leitores e estudiosos e coloca-se, uma personagem feminina, no centro dos acontecimentos. No romance **Madame Bovary**, Flaubert cria uma personagem forte, destemida e romântica. Emma luta por aquilo que acredita.

O artigo apresentado busca mostrar a importância de Emma Bovary para a literatura, as particularidades que tornam esta personagem tão emblemática. Seus medos, anseios, desafios que enfrenta em sua busca pela felicidade plena. Para alcançar tal objetivo foi feita uma pesquisa bibliográfica em que se utiliza como base a obra **Madame Bovary** e como forma de aprofundar os argumentos surgidos a partir da leitura desta obra também se utilizou trabalhos de autores como Mario Vargas Llosa (1979), Antonio Candido (1964), as diversas cartas que Flaubert (1993) escreveu enquanto produzia o romance, dentre outros.

¹ Acadêmico do curso de Graduação em Letras – Habilitação em Língua Portuguesa – UVA.

² Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Professor de Literatura da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

Inicialmente buscou-se conhecer melhor o romance através de leituras e releituras feitas com o auxílio dos teóricos citados.

Este artigo está dividido em duas seções. A primeira chamada **O CONCEITO DE PERSONAGEM E EMMA BOVARY** faz uma análise da importância da personagem de Flaubert abordando pontos importantes que colocam esta personagem em destaque na literatura mundial. Sendo que Emma rompe fronteiras e desafia a sociedade da época ao ter a coragem de lutar por aquilo que deseja, uma luta individual pelo direito ao prazer, a felicidade. Faz também uma abordagem sobre o conceito de personagem de ficção.

A segunda seção, **CARACTERÍSTICAS DE EMMA BOVARY: SEUS ANSEIOS E SUA LUTA INDIVIDUAL**, aborda as particularidades da personagem Emma, os desafios que enfrenta para alcançar seus objetivos. Seu relacionamento problemático com o marido e com os amantes, e também sua relação com a filha Berthe. O preconceito que enfrenta por ser mulher em uma sociedade patriarcal, o fato de ser vista por muitos como uma mulher ambiciosa e sem escrúpulos e a ruptura dos preceitos impostos em relação ao casamento.

Esse artigo, portanto, pretende analisar a personagem Emma Bovary do romance **Madame Bovary**, abordar o conceito de personagem na literatura e expor os motivos que fazem esta personagem única na literatura.

2 O CONCEITO DE PERSONAGEM E EMMA BOVARY

Há grande diferença entre a realidade empírica e a realidade ficcional, e essa diferença reside, em parte, na incompletude da última. Pessoas e objetos reais apresentam-se como unidades concretas repletas de predicados e destes apenas “alguns podem ser ‘colhidos’ e ‘retirados’ por meio de operações cognitivas especiais.” (CANDIDO, 1964, p. 24).

Ao iniciarmos a leitura de um romance pensamos imediatamente em personagens, como vivem, quais problemas enfrentam, que destino terão. Segundo Candido (1964, p.15), “É a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza.” Emma Bovary surpreende pela humanidade e o romance **Madame Bovary** por tratar um tema simples como a vida de uma aldeã do interior da França e mostrar a riqueza que pode existir sob o manto da banalidade.

“Pensar a questão da personagem significa, necessariamente, percorrer alguns caminhos trilhados pela crítica no sentido de definir seu objeto e buscar o instrumental adequado à análise e à fundamentação dos juízos acerca desse objeto”. (BRAIT, 1985, 22). Quando buscamos uma definição para personagem nos deparamos com diversas possibilidades. Algumas incompletas, insuficientes. Outras, por sua vez, podem ser de grande ajuda para a compreensão do conceito.

Uma leitura ingênua dos livros de ficção confunde personagens e pessoas. Chegaram mesmo a escrever “biografias” de personagens, explorando partes de sua vida ausente do livro (“O que fazia Hamlet durante seus anos de estudo?”). Esquece-se que o problema da personagem é antes de tudo linguístico, que não existe fora das palavras, que a personagem é “um ser de papel. Entretanto recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo: as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção. (DUCROT, TODOROV, 1972, p. 286, *apud* BRAIT, 1985, p. 9)

Essas poucas linhas, segundo Brait (1985, p.9) nos levam a dois aspectos fundamentais: “o problema da personagem é, antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras; e as personagens *representam* pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”. Esses dois enunciados são fundamentais para sabermos pontos importantes sobre personagens. Devemos “encarar frente a frente a construção do texto, a maneira que o autor encontrou para dar forma às suas personagens, e aí pinçar a independência, a autonomia e a vida desses seres de ficção”. (BRAIT, 1985, p. 9).

O romance passou por grandes transformações no final do século XVIII e em todo o século XIX. Segundo Brait (1985, p. 30):

[...] é durante a segunda metade do século **XIX** que o gênero alcança seu apogeu, refinando-se enquanto escritura e articulando as experiências humanas mais diversificadas. Aos realistas e naturalistas coube perseguir a exatidão monográfica dos estudos científicos dos temperamentos e dos meios sociais.

Entre essas mudanças, talvez uma das maiores, está a passagem do enredo complicado com personagem simples, para o enredo simples com personagem complicada. “O senso da complexidade da personagem, ligado ao da simplificação dos incidentes da narrativa e à

unidade relativa de ação, marca o romance moderno,” [...] (CANDIDO, 1964, p. 45). Algumas dificuldades de interpretação, porém, continuam:

Mesmo assim, a personagem continua sendo vista como ser antropomórfico cuja medida de avaliação ainda é o ser humano. Não existe a rigor, até esse momento (século XIX), uma teoria da prosa de ficção que possa estudar e entender a personagem em sua especificidade. Os estudos desenvolvidos durante esse longo período nada mais fazem que reproduzir por prismas diversos a visão antropomórfica da personagem. (BRAIT, 1985, 30).

Emma Bovary é uma personagem e não uma pessoa, e fatos que sucedem em sua vida no decorrer do romance nos mostram muito de sua consciência, nos tornam participantes da sua intimidade. A partir do capítulo II da primeira parte quando surge pela primeira vez, podemos observá-la, seus anseios que divide com Charles em rápidas conversas durante as visitas ao senhor Rouault, pai de Emma, para tratar de sua perna quebrada.

Emma possui o forte desejo de mudar de vida, sua inconformidade com a vida que leva fica evidente logo no início do romance e esses conflitos internos da personagem nos são revelados no decorrer da história. Os personagens de ficção acabam por nos revelar mais de si que os seres humanos e mostram sentimentos e conflitos similares. “Personagens, ao falarem, revelam-se de um modo mais completo do que as pessoas reais, mesmo quando mentem ou procuram disfarçar a sua opinião verdadeira. O próprio disfarce costuma patentear o cunho de disfarce.” (CANDIDO, 1964, p. 21). Os personagens, como Emma, possuem um “denso tecido de valores” de diversas ordens que nos são expostos.

Como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores. Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos trágicos, sublimes, demoníacos, grotescos ou luminosos. (CANDIDO, 1964, p.35)

O leitor passa a participar dos destinos dos personagens em uma história ficcional e a sentir diferentes emoções com a verdade transmitida pelo enredo e personagens. Em um romance, por vezes, interpretamos de formas relativamente diferentes os personagens; o

escritor, por sua vez, lhes deu uma linha de coerência definitiva, delimitando o personagem: sua existência e modo de ser. Em **Madame Bovary**, Flaubert priorizou as personagens, construindo assim um romance mais de ideias que de ações. Como diz Llosa (1979 p.16), “a realidade subjetiva tem também consistência, peso físico, como a objetiva”, no romance de Flaubert percebemos o que Candido diz:

A força das grandes personagens vem do fato de que o sentimento que temos da sua complexidade é máximo; mas isso, devido à unidade, à simplificação estrutural que o romancista lhe deu. Graças aos recursos de caracterização (isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira a que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), graças a tais recursos, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza; mas nós apreendemos, sobrevoamos essa riqueza, temos a personagem como um todo coeso ante a nossa imaginação. (CANDIDO, 1964, p. 43).

A complexidade psicológica de Emma Bovary, sua relação problemática com o marido, a filha e os amantes nos fazem lembrar uma célebre frase de Flaubert em carta escrita a Mlle. Leroyer de Chantepie, “Ela valia bem menos que você como cabeça e como coração; pois é uma natureza algo perversa, uma mulher de falsa poesia e falsos sentimentos”. (FLAUBERT, 1993, p.169). Um autor consegue este resultado na criação de uma personagem através da combinação de diversos elementos, como nos diz Candido (1964, p. 44), “A personagem é complexa e múltipla porque o romancista pode combinar com perícia os elementos de caracterização, cujo número é sempre limitado se os compararmos com o máximo de traços humanos que pululam, a cada instante, no modo de ser das pessoas”.

Adotando o termo usado por Foster, Emma é uma “personagem esférica”, pois possui a capacidade de surpreender o leitor. Personagens assim contém certa imprevisibilidade.

A prova de uma personagem esférica é a sua capacidade de nos surpreender de maneira convincente. Se nunca surpreende, é plana. Se não convence, é plana com pretensão à esférica. Ela traz em si a imprevisibilidade da vida, — traz a vida dentro das páginas de um livro. (FOSTER, 1949, p. 55, *apud* CANDIDO, 1964, p. 47).

Uma personagem parece real para os leitores, ainda segundo Foster (1949, *apud* CANDIDO, 1964, p. 49), quando o “romancista sabe tudo a seu respeito”, ou ao menos dá a

impressão. Como se ela fosse totalmente explicável. Personagens não “correspondem” a pessoas vivas, mas “nascem” delas.

Para os leitores, essas mudanças no romance, em relação às personagens possibilita maior conhecimento destas, pois enquanto conhecemos o nosso próximo apenas externamente o romancista nos revela tudo das suas personagens. “A personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo. Para tanto, deve lembrar um ser vivo, isto é, manter certas relações com a realidade do mundo, participando de um universo de ação e de sensibilidade que se possa equiparar ao que conhecemos na vida”. (CANDIDO, 1964, p. 48).

Isso, por sua vez, não significa que uma personagem possa ser transplantada da realidade para a ficção, aproveitando integralmente sua realidade. Primeiro, porque não se pode captar a totalidade do modo de ser de uma pessoa, segundo, porque isso dispensaria a criação artística e terceiro, porque isso não permitiria aquele conhecimento mais completo, que é a razão de ser, a justificativa e o encanto da ficção. (CANDIDO, 1964).

Amantes de literatura, teatro e cinema se perguntam muitas vezes: de onde o autor tira essas personagens? Existem várias formas de se criar uma personagem. É provável que cada autor tenha sua própria maneira de compor uma. Sobre isso, podemos destacar o que diz o escritor Moacir Scliar em entrevista a Brait (1985, p. 70):

“Os personagens vêm da imaginação do escritor.” De muitos lugares, isto é certo. Da infância. Do dia-a-dia. De um encontro casual na rua. De uma foto ou notícia de jornal. Das páginas da História. De um sonho ou de um pesadelo. De uma associação de ideias. De um desejo de se auto-retratar (Flaubert: “Madame Bovary sou eu”). Mas isso se refere à origem mais remota. Em última análise, os personagens de ficção vêm da imaginação do escritor. Não é a capacidade de bem retratar que faz um escritor de ficção, mas sim a capacidade de imaginar personagens e de criar situações. [...] A atração pelo personagem é que faz o escritor. Uma atração que, afinal, todos temos. Todos queremos ser personagens. Eu mesmo o quero. Quem escreveu esse depoimento foi um personagem chamado o escritor Moacyr Scliar, que não existe na vida real e que só desperta de sua letargia em momentos especiais, como este, de jogar com palavras para se apresentar, enfim, como personagem.

Precisamos tomar cuidado ao analisar uma personagem para não nos prendermos apenas aos aspectos teóricos, como nos diz Brait (1998, p. 55):

Muitas vezes, perseguimos a construção de uma personagem munidos pelo instrumental fornecido pela estilística, pelo estruturalismo, pela Psicanálise, pela Sociologia ou por qualquer outro referencial teórico, acreditando estar diante da

última palavra em matéria de análise narrativa. Se todas essas perspectivas contribuem para uma leitura da construção da personagem, é preciso estar atento para o seu caráter parcial, não correndo o risco de reduzir o trabalho do escritor e a sua dimensão aos grilhões teóricos que o escolhem, com louváveis intenções, para seu objeto de análise.

São muitas as questões a serem tratadas em relação às personagens de um filme, de um conto, de uma peça de teatro e especialmente personagens de um romance, já que tratamos aqui da heroína de um romance clássico. Mas podemos dizer que a narrativa, por mais realista que seja, não consegue afastar de nós a impressão de certa magia, certo poder inexplicável de que é dotado o homem que recria o mundo através das palavras.

3 CARACTERÍSTICAS DE EMMA BOVARY: SEUS ANSEIOS E SUA LUTA INDIVIDUAL

Flaubert, em suas diversas cartas escritas ao longo da produção de **Madame Bovary**, fornece algumas informações sobre sua personagem mais famosa e coloca o leitor ciente de seus planos em relação à Emma. O autor tinha consciência do teor feminista em seu romance e esperava atingir pontos delicados na vida das mulheres. “Se meu livro for bom, ele despertará docemente muita ferida feminina; [...]” (FLAUBERT, 1993, p. 79).

Órfã de mãe, Emma tem para si as responsabilidades do lar. Logo nos primeiros capítulos, no entanto, fica nítido que não gosta do lugar onde vive. “A senhorita Rouault não gostava da aldeia, sobretudo agora que tinha quase inteiramente a seu cargo todos os cuidados da quinta.” (FLAUBERT, 2002, p.24) Sua mãe morrera havia dois anos e, ter para si, as responsabilidades domésticas é algo que a incomoda. Nas primeiras conversas com Charles, deixa claro seu desejo de morar na cidade e expõe isso a ele de forma sutil, como se falasse apenas para si. Acredita que será feliz se passar a viver em outro lugar. “E parecia-lhe que certos lugares da Terra deviam dar a felicidade, como planta peculiar ao solo que não se dá bem em outra parte.” (FLAUBERT, 2002, p.52). Charles, para Emma, aparece como a grande oportunidade de mudar de vida. Seu gosto refinado e desprezo pela vida que leva ao lado do pai ficam claros logo no início do romance. Rouault a critica intimamente por não ajudá-lo como deveria nos trabalhos domésticos. Mas atribui essa má vontade da filha à sua inteligência.

Surge assim a heroína de Flaubert em **Madame Bovary**. Obra que expõe os vícios da sociedade burguesa, vítima do determinismo, em um ambiente onde reina a futilidade e o

consumismo exacerbado, marcado também pelo preconceito e menosprezo pelas mulheres, instituídos no decorrer dos anos. Emma, com isso, também é uma vítima das transformações sociais, e luta, de forma individual, por seus direitos. “Emma representa a ruptura social de toda uma época.” (PIMENTA, 2012, p. 70).

Emma aparece no romance no segundo capítulo, recebe destaque apenas quando casa e somente depois de casada se torna personagem principal de sua própria história. O autor retrata assim a pouca importância dada à mulher na Europa oitocentista. A mulher alcançava seu lugar na sociedade apenas após casar-se. Mas Emma, entretanto, fez parte do pequeno círculo de mulheres educadas: viveu em um convento não para tornar-se freira e sim para educar-se. E por meio da religiosidade, Emma buscou sua feminilidade através de ritos religiosos, penitências, e sermões em que “as comparações de noivo, de esposo, de amante celeste e de consórcio eterno, [...] suscitavam no íntimo da alma inesperadas doçuras.” (FLAUBERT, 2005, p. 50). As leituras clandestinas de Emma tiveram início neste período de modo que ela viveu sua puberdade dividida entre religião e literatura. Kehl (1998, p. 141, *apud* NOBRE, 2007, p. 64) compreende que:

O resultado muito particular desta mistura (religião e literatura) é que Emma, na adolescência compõe para si mesma uma personagem em que devoção e erotismo se combinam, uma espécie de Santa Teresa D’Ávila inculta, que busca no misticismo um gozo que gostaria de poder encontrar no amor dos homens.

Alguns traços do aspecto físico de Emma são revelados logo no início do segundo capítulo da primeira parte através dos olhos de Charles: suas mãos finas nas falanges, unhas cortadas em forma de amêndoa e olhos castanhos que pareciam pretos devido às pestanas. (FLAUBERT, 2002, p.23). Também cita seu pescoço branco que sai da gola e de seus cabelos pretos apartados ao meio. De toda a beleza física de Emma o que mais fascina Charles são seus olhos que “pareciam ter camadas de cores sobrepostas, as quais, mais densas no fundo iam-se aclarando para a superfície do esmalte.” (FLAUBERT, 2002, p.44). A beleza de Emma é motivo de encanto para muitos, o marquês d’Andervilliers decide convidá-los (Charles e Emma) para um baile ao vê-la depois de uma visita à sua casa. Léon também se interessa por ela logo que a vê pela primeira vez. O mesmo acontece com Rodolphe Boulanger, primeiro amante de Emma.

Após o casamento com Charles, já na lua de mel, Emma deixa visível certo descontentamento com a nova vida e passa a dominar o marido completamente, cuidando da

casa e dos negócios. Emma e Charles são como polos opostos no modo de conduzir suas vidas, enquanto aquela luta de forma desesperada para alcançar o que deseja, este mostra uma postura mais conformista em relação à vida. Por ter sofrido na infância e adolescência sente-se satisfeito com sua atual situação. Notam-se, desde já, alguns pontos importantes referentes à personalidade de Emma. A inconformidade que sente por sua condição de mulher começa a ser exposta. Não aceita o papel que lhe é imposto pela sociedade de sua época, o de que as mulheres deveriam casar-se para ter uma vida respeitável, representando assim uma ruptura de preceitos em relação ao casamento. “Flaubert aproxima o leitor do entendimento de que a jovem se casa esperando que tal acontecimento devesse ser a realização daquela ‘paixão maravilhosa’ que nutria desde as leituras da adolescência.” (NOBRE, 2007, p. 66).

Sobre essa desilusão logo nos primeiros dias de casada, Kehl (1998, p. 143, *apud* NOBRE, 2007, p. 67) diz: “Ainda assim, ela tenta sustentar sua posição de mulher casada representando para si mesma uma segunda personagem: a esposa séria e dedicada substitui a fantasia da adolescente piedosa – mas não por muito tempo”. E esse tempo se refere ao momento em que Emma e Charles são convidados para o baile em Vaubyessard, momento este que reacende na personagem o desejo de uma vida diferente.

Com a gravidez, Emma passa a acreditar que terá seu ato de desforra. Deseja um filho homem, quer realizar-se através dele. Expondo sua insatisfação por não poder desfrutar dos mesmos direitos que os homens. Ao dar à luz uma menina virou o rosto e desmaiou logo que lhe foi informado o sexo do bebê. Berthe, assim como a mãe, estará presa às convenções. Emma, como outros personagens de Flaubert, possui uma “falsa concepção de si mesma”. Jules de Gaultier (2006, p.12, *apud* CARVALHO, 2014, p. 26) compreende que os personagens de Flaubert possuem uma “personalidade de empréstimo”, a qual pode tomar tonalidades trágicas ou cômicas, de acordo com os excessos por eles cometidos.

Frustrada em relação a sua vida, Emma busca nos amantes a satisfação de seus desejos. Rodolphe Bolanger e posteriormente Léon Dupuis. Não suporta a mediocridade do marido e busca sua satisfação pessoal a qualquer custo. Ao descrever cenas e espaços, Flaubert os interliga aos desejos e devaneios da personagem. Há uma integração entre as imagens mentais de Emma e a descrição do espaço. E esses devaneios associam-se às ilustrações dos livros que a personagem lê. Há assim, certa semelhança entre Emma e Alonso Quijano, o Dom Quixote, como a fusão de sonho e realidade. Insatisfeitos com a própria realidade, esses dois personagens buscam na fantasia um meio de realização pessoal. [...] “resume em sua personalidade (de Emma) atormentada e sua medíocre peripécia, certa

postura vital permanente”. (LLOSA, 1979, p. 31). Sua solidão é perceptível por Emma falar constantemente consigo mesma.

Seus desejos sexuais e de riqueza são bastante próximos, por vezes, temos a impressão de que se misturam. Entretanto, em suas primeiras conversas com L’Heureux, Emma demonstra certa ingenuidade ao regozijar-se com os elogios do comerciante e se deixar ludibriar com suas propostas de negócio, o que, futuramente, causará sua ruína. Para Llosa (1979) o desânimo, o desassossego, que, pouco a pouco, convertem Emma em uma adúltera são consequência de sua frustração matrimonial, e esta frustração é principalmente erótica. A respeito da sexualidade de Emma, Bloom (1995, *apud* NOBRE, 2007, p. 92) também afirma: “Emma possui toda a grandeza de sua vitalidade, a intensidade heroica da sexualidade, e essa elevação faz dela um caso raro, a heroína trágica de uma obra estoica, irônica e, nalgumas ocasiões, grotescamente cômica”.

Ao envolver-se amorosamente com outros homens, Emma rememora os romances que leu na juventude e sente-se como suas heroínas. Acredita que alcançará a plena felicidade presente nos livros que lia. Não apenas a satisfação em ter um amante e a esperança de um amor romanesco, mas também a sensação de vingança a motiva. Como a desforra por todo o sofrimento que passara até então. A facilidade com que se deixa envolver pelas falsas palavras de seus amantes deve-se a este anseio por alcançar o que deseja. Emma assume todos os riscos, agindo como se fosse o homem da relação, “numa busca por se definir ou se encontrar em relação a suas leituras românticas e a seus arredores banais.” (FLAUBERT, 2002, p. 51).

Após a mudança para Yonville, Emma se aproxima de Léon. Depois de algumas conversas e tentativas frustradas de relacionamento entre os dois, Léon decide ir embora o que agrava o tédio de Emma. “A vida de Emma fica ainda mais tediosa quando Leon vai trabalhar em Rouen. Agora ela não tem mais nada com que sonhar, nem ninguém a quem tomar por interlocutor, diante de quem ela pudesse compor uma personagem nova”. (KEHL 1998, p. 147, *apud* NOBRE, 2007 p. 73).

Após a frustração com Léon, surge Rodolphe. Flaubert o introduz na história como totalmente diferente daquele e de Charles. Solteiro de 34 anos, de “temperamento brutal” e “inteligência perspicaz”. Kehl (1998), por sua vez, entende que “A fantasia que se realiza neste momento (em Emma) não é simplesmente sexual, mas, sobretudo, literária. Assim, entende que Emma, enfim consegue, mesmo que por algum tempo situar-se no lugar de uma verdadeira heroína o qual fora desejado por ela desde a estada no convento”. Ela encarna assim, provisoriamente, a personagem romanesca que sonhou. Mas devido à falta de apoio em

Rodolphe que tinha desejos diferentes dos seus, não consegue sustentar essa fantasia por muito tempo. O modo como Emma vivia o adultério o aborrecia.

Ambos os personagens masculinos (Charles e Rodolphe) não conseguem escutar os anseios de Emma por serem “prisioneiros do senso comum”. (NOBRE, 2007, p. 76) Isso fica explícito no seguinte trecho referente a Rodolphe:

Porque lábios libertinos ou venais lhe haviam murmurado frases parecidas, quase não acreditava na pureza das que ouvia agora (pronunciadas por Emma), achava que devia fazer desconto nas expressões exageradas que escondiam afeições medíocres – como se a plenitude da alma não se extravasasse, as vezes nas mais vazias metáforas pois que ninguém pode jamais dar medida exata das próprias necessidades, concepções ou dores, e já que a palavra humana é um caldeirão fendido em que batemos melodia para fazer dançar os ursos, quando antes quereríamos enternecer as estrelas. (FLAUBERT, 2005, p. 223-4)

Neste trecho, Flaubert expõe um ponto interessante à respeito da linguagem. O autor trava uma verdadeira batalha com o uso da linguagem. Talvez pelos costumes, ou bons costumes burgueses da época que o levaram a criar o Dicionário das Ideias Feitas, “uma obra que satiriza esse enclausuramento das ideias humanas” (NOBRE, 2007, p. 76). Sobre isso, Kehl (1998, p. 150-1 *apud* NOBRE, 2007, p. 77) diz o seguinte:

[...] ansiosa por deixar de ser o que é, por tornar-se outra, [...] não percebe, entretanto, que é prisioneira da linguagem – ela, que se aborrece tanto porque a conversa com Charles não passa de um monótono desfiar das ideias de todo mundo, não consegue evitar a banalidade na expressão de suas emoções e experiências intensas e verdadeiras. E que a experiência de Emma [...] já chegava a ela formatada pela literatura, pelo senso comum, pelo uso habitual da língua, que ao mesmo tempo confere significado e empobrece de sentido toda experiência.

Emma é prisioneira não apenas das conveniências, mas também da linguagem. Caímos assim no universo da linguagem, “nas maneiras que o homem inventou para reproduzir e definir suas relações com o mundo. Voltamos, portanto, nosso olhar às formas inventadas pelo homem para representar, simular e criar a chamada realidade”. (BRAIT, 1985, p. 10).

A aparência de Emma é usada vez ou outra como um espelho que reflete seu estado interior. Após o desengano com a partida de Léon,

Emma não parecia alegre, e conservava habitualmente nos cantos dos lábios essa contração imóvel que faz rugas no rosto das solteironas e dos vencidos na vida. Andava sobremodo pálida, branca como linho; a pele do nariz repuxada para as narinas, os olhos olhando tudo vagamente. (FLAUBERT, 2002, p. 151)

Após conhecer Rodolphe, Emma volta a alimentar o desejo de modificar sua vida, mais uma vez, seu aspecto físico é ressaltado para que saibamos o estado interior da personagem.

Seus olhos de longos cílios curvos olhavam para a frente e, embora bem abertos, pareciam um pouco repuxados, por causa do sangue que batia suavemente sob a pele fina. Uma coloração rosada atravessava o septo do nariz. Tinha a cabeça inclinada deixando ver, entre os lábios, o rebordo dos dentes brancos. (FLAUBERT, 2002, p.162)

O tempo é desestimulante nos relacionamentos amorosos de Emma. Assim como em seu casamento, seus relacionamentos extraconjugais logo caem na rotina o que faz com que ela busque maneiras, por vezes desesperadas, de apegar-se a ilusão romanesca de amor que tenta trazer para sua realidade. Com atitudes moralmente reprováveis para a época tenta “afrontar o mundo”, desafiar a sociedade.

Seu olhar se fez mais ousado, mais livres as palavras. Foi inconveniente ao ponto de passear, com Rodolphe, cigarro na boca ‘como a afrontar o mundo’. Afinal, os que ainda duvidavam deixaram de fazê-lo, quando a viram descer, um dia, da Andorinha, o busto apertado num colete, como um homem. (FLAUBERT, 2002, p. 227)

A rebeldia de Emma, segundo Llosa, (1979, p. 16) “não tem o semblante épico dos heróis viris do século XIX, mas não é menos heroica. Trata-se de uma rebeldia individual e, em aparência, egoísta: ela violenta os códigos do meio estimulada por problemas estritamente seus e não em nome da humanidade, de certa ética ou ideologia.” A luta de Emma é contra a violência social que sufoca seus direitos.

Após o rompimento com Rodolphe, Emma fica em estado catatônico o que preocupa o marido. Sobre o estado depressivo de Emma, Kehl (1998, p. 155, *apud* NOBRE, 2007, p. 80) interpreta que o fim do romance dos dois: “destrói a personagem da amante em torno da qual a feminilidade de Emma se estruturou – a morte de sua ‘heroína’ atinge Emma em pleno ser, quase causando sua própria morte”. Emma teve que por fim a mais uma personagem, a de heroína-amante.

No entanto, consegue se recuperar, e como meio de continuar sua vida cria uma nova personagem, “essa nova personagem foi encarnada por Bovary quando ela recebeu a extrema-unção e voltou a ser religiosa, como no período em que viveu no convento”. (NOBRE, 2007, p. 80). Mas também não consegue manter esta personagem por muito tempo. Flaubert em seguida cria um novo fato na vida de Emma que a tira da depressão em que se encontra.

Após as frustrações de seus relacionamentos extraconjugais, Emma busca um motivo para continuar a viver ao lado de Charles. Como não consegue amá-lo procura um meio de admirá-lo, incentivando-o a operar o pé de Hippolyté. Conforme afirma Kehl (1998): “Após o fracasso da operação de Hippolyté, Emma viu sua personagem de consolação – a esposa devotada de um médico bem sucedido – falhar”. Como não conseguiu transformá-lo em um herói como os de seus romances, tentou torná-lo importante perante a sociedade. Este homem, ainda segundo Kehl (1998), “o homem de ação da novela de Flaubert seria Homais. Mas Homais é parecido demais com Emma para se tornar amante dela”.

Aconselhado por Homais, Charles leva Emma a uma apresentação de ópera na cidade de Rouen, e no teatro ela reencontra Leon. Nesta fase da história acontece uma das mais famosas cenas do romance, a cena em que Emma e Leon se relacionam em uma carruagem em movimento. Neste período Emma já se encontra endividada e, para Kehl (1998, p. 157, *apud* NOBRE 2007, p. 83) passa a encarnar mais uma personagem:

A amante experiente e lasciva, mestra nas mil artes do erotismo e liberada para desejar outros prazeres – ela quer sorvetes, cigarros, sedas finas, vestidos, tapetes – é a quarta personagem assumida por Emma depois da adolescente mística, da esposa virtuosa e da amante apaixonada seduzida pelo experiente Rodolphe.

Com o tempo seu romance com Léon cai na rotina e, cheia de dívidas, Emma se desespera e busca uma solução para sair da crise financeira em que mergulhou a família. “O

que destrói os sonhos de Emma Bovary não é a desilusão amorosa, mas a derrocada financeira”. (KEHL, 1998, p. 159, *apud* NOBRE, 2007, p. 85). Os problemas financeiros e a falta de amigos a quem recorrer são fatos que a colocam frente a frente com a realidade. A narrativa nesse momento adquire outra forma, como uma corrida desesperada da personagem para encontrar uma saída. Chega, inclusive, a tentar seduzir Binet: [...] “procurou o preceptor Binet e, ao tentar seduzi-lo, recebeu como resposta a rejeição”. (NOBRE, 2007, p. 84).

Desiludida, Emma encontra na morte a única saída. Ingera arsênico e acredita que terá uma morte tranquila como a de algumas personagens de suas leituras. “Que coisa insignificante é a morte! Vou adormecer e tudo acabará!” (FLAUBER, 2002. p. 374). Bloom (1995, *apud* NOBRE, 2007, p. 94) acredita que Flaubert mata sua personagem por inveja,

[...] auto-punição [...] mas Flaubert era forte demais para ser destruído, tão cedo pelo princípio da realidade. Emma é, de uma vez só, menos forte e mais cheia de vitalidade do que seu criador. Temos, infelizmente, de reconhecer que o motivo deste assassinato é a inveja, inveja da vitalidade de Emma.

Maxime Du Camp, segundo Llosa (1979), afirma que o nome Emma Bovary surgiu na mente de Flaubert durante uma viagem ao Oriente, e que o autor o repetiu seguidamente após pronunciá-lo pela primeira vez. Não há provas concretas da veracidade deste fato, além do relato de Du Camp. Mas a “pessoa” Emma pode ser vista como uma fusão de diversas pessoas que Flaubert, após suas observações, conseguiu fundir em um único ser. E que traz em si a riqueza humana imersa na complexidade de um ser fictício de vida e sentimentos, para si, incompletos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo científico pretendeu fornecer informações sobre personagens fictícios: o conceito e a variedade de tipos presentes na literatura; usando como objeto de análise a personagem Emma, do romance **Madame Bovary** do autor francês Gustave Flaubert. Analisada aqui, Emma revela-se como uma personagem sonhadora e infeliz com sua própria realidade. Ambiciosa e, por vezes, inescrupulosa, transpõe as barreiras morais de sua época em busca de sua realização como pessoa, como mulher. Para isso, encarna diversas

personagens, como máscaras que escondem a verdadeira Emma Bovary e que são fundamentais para fugir de suas frustrações através de devaneios.

Sobre os personagens, tratamos de sua importância para ficção, ao tornar a história verossímil em nossa imaginação; e também de sua incompletude em comparação aos seres humanos. Para isso, trilhamos alguns caminhos indicados por estudiosos que deram todo o suporte necessário para essa tarefa. Apontamos, ainda, para a mudança ocorrida na composição de um personagem no decorrer dos séculos XVIII e XIX, período em que houve uma valorização dos seres fictícios, dando-lhes maior complexidade psicológica.

Quanto a Emma, seguimos o percurso que vai desde a sua vida simples ao lado do pai, o casamento com Charles e a posterior desilusão, o nascimento da filha, seus relacionamentos extraconjugais, sua decadência financeira e, por fim, o suicídio como meio de escapatória.

A análise de Emma neste trabalho é importante não apenas por nos proporcionar um maior entendimento a respeito de personagem na literatura, mas também para que saibamos mais a respeito de nós mesmos e da forte ligação que temos com esses seres fictícios já que eles não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas.

THE IMAGE OF CONSTRUCTION IN EMMA MADAME BOVARY GUSTAVE FLAUBERT

ABSTRACT

This article seeks greater understanding about the concept of character in literature. For this, we analyze the character of the novel Emma Madame Bovary writer Gustave Flaubert. We treat initially the importance of character in any narrative and the ways of building a character in order to convince the reader. Then we focus on the heroine of Flaubert, his sense of life failure, amorous adventures and tragic end. As theoretical support for this article several authors were used, including: Mario Vargas Llosa (1979), Beth Brait (1985) and Maria Rita Kehl (1996). This study allows us greater insight into the character in modern literature and also greater knowledge of the character of Emma celebrated novel by Flaubert.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A Personagem**. São Paulo: Ática S.A, 1985.

CANDIDO, Antonio. **A Personagem de Ficção**. 2º Ed. São Paulo: Perspectiva, 1964.

CARVALHO, Maria Elvira Malaquias de. **Bovarismo, Epifania, *Bêtise*: Exercício da Metacrítica Flaubertiana**. 2014. 166 f. Tese de doutorado em Estudos Literários – UFMG, Minas Gerais, 2014.

FLAUBERT, Gustave. **Cartas Exemplares**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Dany Editora, 2002.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

LLOSA, Mario Vargas. **A Orgia Perpétua: Flaubert e Madame Bovary**. Rio de Janeiro. Livraria Francisco Alves, 1979.

MELLO, Renata Aiala. **Flaubert, Madame Bovary e Emma Bovary: Ecos e *Ethos***. 2012. 173 f. Dissertação de Pós-graduação em Estudos Linguísticos – UFMG, Minas Gerais, 2012.

MORETO, Bruno Penteadó Natividade. **Desejo e Escritura num Flaubert de Juventude**. 2008. 129 f. Dissertação de Pós-graduação em teoria Literária e Literatura Comparada – USP, São Paulo, 2008.

NOBRE, Thalita Lacerda. **Madame Bovary e a histeria: uma leitura psicanalítica**. 2007. 120 f. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007.

PIMENTA, Allyne Alves Marques. **Penélope e Emma Voando no Tempo**. 2012. 199 f. Dissertação (pós-graduação em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica, Goiás, 2012.

RIBEIRO, Lúcia Amaral de Oliveira. **Imagens e Paleta de Cores nos Textos de Flaubert da Viagem ao Oriente**. 2014. 226 f. Tese (Doutorado de Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2014.

SANTOS, Fernanda FERREIRA. **Ler e escrever: Bouvard e Pécuchet e a Multiplicação da Escrita**. 2013. 148 f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2013.